

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA

SHEYLLE APARECIDA DE SOUSA PEREIRA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA EJA

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR
2018

SHEYLLE APARECIDA DE SOUSA PEREIRA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA EJA

Monografia de Especialização
apresentada ao Departamento Acadêmico
Linguagem e Comunicação da
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná como requisito parcial para
obtenção do título de “Especialista em
Ensino de Literatura e Língua Portuguesa”
-

Orientador: Prof. Dr. Roberlei Alves
Bertucci

CURITIBA - PR
2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



TERMO DE APROVAÇÃO

Varição Linguística na EJA

Por

SHEYLLE APARECIDA DE SOUSA PEREIRA

Monografia apresentada às 14:00, do dia 28 de setembro de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**.

ROBERLEI ALVES BERTUCCI
UTFPR - Curitiba
(orientador)

ANDREIA DE FATIMA RUTIQUEWISKI GOMES
UTFPR - Curitiba

cristina de souza prim
UTFPR - Curitiba

AGRADECIMENTOS

À minha família, aos meus professores e aos meus alunos!

Obrigada, aos que acreditam no trabalho do educador

Ensinar inexistiu sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (Paulo Freire, 1996)

RESUMO

Este estudo trata de uma das questões que exercitam cotidianamente a atividade do profissional de ensino da Língua Portuguesa: língua padrão e a variação linguística na escola, neste com especificidade para os alunos do Ensino para Jovens e Adultos. Relataremos sobre a dinâmica necessária do professor para que, em conjunto com o ambiente escolar, crie estratégias de ensino-aprendizagem que abordem processo de aprendizagem da linguagem, em plenitude, e que considere a linguagem de prestígio, bem como as variações da linguagem. Para embasamento deste documento, foi elaborada uma pesquisa que celeuma a construção do conhecimento de forma significativa e sociocultural. Foram coletadas informações cujo incentivo, espera-se apresentar resultados que possam promover a reflexão docente em relação ao aperfeiçoamento do uso da linguagem de forma justa em sala de aula, ou seja, métodos que corroborarão à melhoria da análise e da escolha adequada do texto à situação social, bem como das atividades que orientem e valorizem os saberes prévios, e que enriqueça o repertório linguístico destes educandos.

Palavras-chave: Variação linguística; competência escritora e leitora; EJA.

ABSTRACT

This study is about one of the questions that daily exercise the professional's activity in portuguese teaching: standard language and linguistic variation in school, for Young and Adults Teaching students. We will report about a necessary teachers dynamic for that, together with the school, create learning-teaching strategies that approach the language learning process, fully, that consider the language prestige as well the language variations. To underpin this document, was elaborated a research that prioritizes a didatic sequence wich argue the knowledge construction in a sociocultural and significative way. In the collected informations there is an incentive that hopes showing the results that can promote the teachers reflection related to language use improvement, in other words, methods wich validate the analysis refinement and the suitable text's choice in social situation reference, even as activities that orient and value the previous informations, and enrich the students vocabulary.

Key-words: Linguistic variation; Reading and writing competence; EJA(YAT).

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - CRONOGRAMA

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA – Educação para Jovens e Adultos.

FNEP – Fundação Nacional da Educação

LDBEN – A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

MEC – Ministério da Educação

PISA - *Programme for International Student Assessment*

PCN's – Parâmetro Curriculares Nacional

PNDL – Programa Nacional do Livro Didático

PNE – Portadores de Necessidades Especiais

SD – Sequência Didática

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Tema	13
1.2 Problema	14
1.3 Justificativa	15
1.4 Objetivos	16
1.5 Metodologia	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Linguagem	20
2.2 Variação linguística	21
2.3 Competência leitora e escritora	25
2.3.1 Produção de texto na EJA	27
2.3.2 Variação linguística na EJA	28
3 METODOLOGIA	30
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
LEITURA COMPLEMENTAR	42

1. INTRODUÇÃO

A EJA tem como principal função o acolhimento, ao mundo da escola, dos educandos que em idade própria não concluíram a escolarização básica.

Com isso, estes estudantes retornam à vida escolar com uma carga cultural diversificada, o que torna o trabalho de desenvolvimento cognitivo comprometido com os saberes prévios destes alunos, bem como com a capacitação para a evolução da linguagem e suas variantes.

Neste contexto da escolarização, é função do professor incentivar o uso da escrita e da leitura sempre considerando os amplos aspectos da linguagem, já que o propósito é permitir que os alunos tenham acesso aos saberes e que possam situar-se em uma realidade sociocultural. Conforme mostra Lerner (2002, p.12).

Aprender a ler e escrever na escola deve transcender a decodificação do código escrito, deve fazer sentido e estar vinculado à vida do sujeito, deve possibilitar a sua inserção no meio cultural a qual pertence, tornando-o capaz de produzir e interpretar textos que fazem parte de seu entorno.

Durante a prática docente, por conta da diversidade cultural deste sujeito, é comum ao professor identificar na fala ou na escrita o uso das variações da linguagem (BAGNO, 2015), ou seja, por causa da heterogeneidade da língua, todos os falantes interagem de diversas formas no ato de escrever e de falar. Formas estas que, cotidianamente poderão ser consideradas divergentes da gramática de prestígio, promovendo desta forma o preconceito linguístico.

Com isso, é providencial que o professor reflita sobre o trabalho do uso da variação linguística na sala de aula e, também, o ensino da língua, para que estas manifestações de comunicação sejam consideradas nos processos de aprendizagem e não com arbitramento social.

O PNE, cuja Lei nº 13.005/2014, Meta 7 – estratégia 7.1, propõe:

Estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do(as) alunos(as) para cada do Ensino Fundamental e Médio, respeitadas as diversidades regional, estadual e local (BRASIL 2014).

Não obstante há as configurações para organização e asseguração dos direitos (PNE, 2014) à Educação de Jovens e Adultos, mediante, o que segue:

Princípios Da Educação De Jovens E Adultos Fundamentos Legais:

A política de educação de jovens e adultos, diante do desafio de resgatar um compromisso histórico da sociedade brasileira e contribuir para a igualdade de oportunidades, inclusão e justiça social, fundamenta sua construção nas exigências legais definidas.

Funções da EJA:

Reparadora, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano.

Equalizadora, vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação.

Qualificadora, mais do que uma função permanente da EJA que pode se chamar de qualificadora. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares.

Portanto, a EJA, em seu papel, deve promover a inclusão e dissipar os preconceitos e desigualdades sociais.

1.1 Tema

O processo comunicativo tem por base a linguagem, a língua e a fala. Em destaque, a utilização da linguagem é o processo comunicativo no qual os seres expressam seus sentimentos, ideias, relações e interações com o mundo que os cercam; já a fala carrega características individuais, tornando estes seres capazes de construções linguísticas próprias e de sua experiência de vida; e a língua, “é um sistema de signos [...] é o principal dos sistemas” (SAUSSURE, 1916; p. 24), ou seja, é o alimento de interação codificado em um grupo específico, caracterizado pelas normas e procedimentos de sua aplicabilidade e adequação. Com isso, a sociedade convencionou a língua a um grupo de normas que são selecionadas de acordo com a gramática normativa, e por consequência, a classifica em normas de prestígio e a não padrão - correta ou incorreta - apoiando o preconceito linguístico.

Por isso, a escola como fomentadora da evolução cultural deve promover a interação dos seus componentes ao processo aprendizagem. Porém, dadas as especificidades da clientela, os professores da EJA trabalham a diversidade da linguagem ou enfocam somente o ensino da linguagem de prestígio? As atividades norteiam a produção escrita e a leitura considerando as variações da linguagem? A aprendizagem é significativa, corrobora para a inclusão do educando em seu desenvolvimento cultural e crítico?

Desse modo, é primordial que a escola garanta conteúdos básicos de desenvolvimento cognitivo aos estudantes da EJA, promovendo um contexto de melhoria da autoestima e crescimento cultural.

1.2 Problema

O projeto de vida de cada um depende muitas vezes da leitura que se faz da vida, do que há em torno dela. Maximizar sua ideia e direcioná-la por meio de uma construção adequada das mensagens, pode ser o eixo norteador e impulsionador para novas ideologias e propostas de evolução significativas nos âmbitos culturais e sociais, bem como o intelectual. Por conta deste quadro, a EJA tornar-se um desafio, principalmente, pelo ingresso de educandos mais jovens, que abandonaram a escola em um passado não muito distante, mas que apresentam ideais similares aos grupos com mais idade.

A Constituição Federal de 1988 estabelece que todos, sem exclusão, têm direito a uma educação de qualidade e gratuita, obrigatoriedade do Estado e dever da família, bem como oferecer ensino gratuito no período noturno para o educando trabalhador e ao que não concluiu a escolaridade básica na idade apropriada.

- estabelece que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família..." (Artigo 205) e ainda, em consonância com a Constituição Federal a Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece.

- ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive sua oferta garantida para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. (Artigo 3)

Em apoio, a Lei 9394/96 e a Carta Magna, a EJA foi referendada pela dotação de 25% dos recursos do Fundo Nacional do Ensino Primário (Fnep), destinado, especificamente, ao ensino da população adulta analfabeta.

A criação do Fnep, em 1942, cujo funcionamento se iniciou somente em 1946, “foi marco propulsor de uma política pública de educação de adultos, reconhecida no espectro da instrução básica popular (PAIVA, 1983; BEISEGEL, 1992).” Portanto, pelo contexto histórico, os problemas sociais e a necessidade de progresso, observa-se que a EJA é de suma importância para ampliação da cidadania, melhoria intelectual e social dos educandos que a necessitam, e espera-se mais amplitude da formação leitora e escritora, além da reflexão dos educadores quanto ao melhor aperfeiçoamento das técnicas pedagógicas para a “capacitação total deste ser”. (grifo meu)

Com isso, a EJA enfrenta uma clientela com defasagem de conceitos da educação básica, problemas com autoestima e busca pelo progresso no mundo do trabalho, dada a importância da Educação para o sem acesso à escola fora da idade apropriada.

Em vista do exposto, é de grande necessidade que o educador reflita sobre o ensino da linguagem e sobre meios de modificar este panorama, já que o EJA não é somente uma base de ensino, mas um meio para a mudança e o seu desenvolvimento como cidadão, especificamente, é importante que o aluno entenda o processo de variação para que a aprendizagem da língua seja de fato relevante para ele.

1.3 Justificativa

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN n. 9394/96), em seu artigo 37, prescreve que “a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria”.

A EJA tem como característica educandos com perfis diversos, em relação à idade, ao nível de escolarização em que se encontram, à situação socioeconômica e cultural, às ocupações e a motivação pela qual procuram a escola, assim a equipe escolar e as relações com o mundo trabalho, devem criar elos de atenção (PCN's, p.6 – 2002).

Dado este contexto sociocultural, a EJA deve compreender, conforme Soares (1986), o educando como um sujeito sócio-histórico-cultural, com conhecimentos e experiências acumuladas, cujo propedêutico, deve ser valorizado e utilizado na ressignificação dos saberes, pois, cada sujeito possui um tempo próprio de formação, apropriando-se de saberes locais e universais, a partir de uma perspectiva da concepção de mundo e de si mesmo, (VASCONCELOS 2007), associa a ausência de sentido do que o aluno faz na escola às várias manifestações por parte dos estudantes, ou seja, assinala que, no passado, mesmo que os alunos não vissem sentido em estar na escola, havia uma motivação externa que disfarçava o não sentido. Estudava-se para “ser alguém na vida” (grifo meu), com ideais, com intenções de crescimento econômico e social, por si só garantiam a permanência do educando no ambiente escolar e a escola era um meio para a conquista pessoal.

1.4 Objetivos

Em diálogo com o ensino da língua e a valoração dos saberes prévios, espera-se demonstrar a necessidade de reflexão do educador para com o comprometimento da escolha da abordagem, que mesmo com a ausência de material didático específico, colaborem para o desenvolvimento do ensino da língua aos estudantes, pois é necessário que cada indivíduo ao sair da escola tenha controle sobre a linguagem e possa a partir disto construir e participar de um universo sociocultural, de forma justa e inclusiva.

De acordo com os PCN's, todo estudante deve ter competência e habilidade leitora e escritora; considerando que a evolução dos novos saberes depende do desenvolvimento da leitura e escrita, e ainda da consciência das variedades linguísticas, sobre processo escritor e o falado, espera-se, ainda, que compreendam sua língua nativa e a observem como uma matéria que evolui, se moderniza, para com isso estabelecer que a linguagem verbal necessita de observação das esferas diastráticas, bem como sejam consideradas as diatópicas, e as possíveis relações das variantes da linguagem.

Com isso, este estudo tem por objeto, de forma simples e sincera, demonstrar e apresentar a reflexão sobre a consciência da aplicabilidade das variações linguísticas nos componentes curriculares, para assim refletir possíveis modificações e formas colaborativas para o desenvolvimento cultural (PCN's 2002, p 22), por meio da linguagem, e desta forma estabelecendo-se como um ser crítico perante contextos sociais, culturais e políticos.

É dever do educador direcionar seus educandos no caminho da compreensão dos fatores cotidianos do uso da linguagem, para que com êxito internalize o entendimento sobre a utilização da norma de prestígio, bem como de suas variantes, de forma dinâmica e fluida, livre de preconceitos.

1.5 Metodologia

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Artista Plástico Emanuel Alves de Araújo, situada na cidade de São Paulo, em um bairro periférico da Zona Sul. Nesta unidade há ensino fundamental, médio e a EJA para os 1^{as} 2^{os} e 3^{os} termos, equivalentes ao Ensino Médio.

Os estudantes da EJA, em sua maioria, são alunos-trabalhadores, homens e mulheres, com faixa etária média de 19 a 61 anos, com experiências diversificadas e conceitos sobre a vida e muitas vezes envergonhados pela condição de estudantes fora do período indicado.

Segundo Gil (2007, p. 17), a busca por informações é definida como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão de resultados.

Assim, a escolha metodológica do estudo buscou informações que conceituassem o ensino da língua sob a concepção das variações da linguagem e como os estudantes estabeleceriam relações entre as gramáticas de prestígios e os meios comuns da linguagem. Com isso, a interpelação para colhimento de dados em etapas distintas, foram ministradas, por mim, sendo: sondagens de produção textual e aulas de explanação teórica e prática das tipologias textuais, leitura de textos literários, artigos, currículos, propagandas e os mais variados gêneros textuais, todos contemplando as diversas variações da linguagem, cuja função foi a de apresentar os mais distintos textos que contemplassem o modo de falar das diversas esferas da linguagem. Entre os textos, podemos destacar: os contos “A moça tecelã e Palavras Aladas, ambos de Marina Colassanti; a música Garota de Ipanema – Antonio Carlos Jobim; Tiro ao Álvaro - Adoniram Barbosa e o Poeta da Roça de Patativa do Assaré.

Para atingir o objetivo proposto, foram consideradas, inicialmente, 12 aulas, como base para a estrutura.

Resumidamente, foram apresentadas propostas de reconhecimento, pelos alunos, dos textos, em particular para a função social da linguagem, cujo referencial, foi tranquilizá-los em relação ao estudo da gramática normativa, uma vez que, referente ao contexto social e a arbitrariedade do ensino da norma padrão a explanação teórica seria autocrata e de pouca relevância linguística.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A comunicação é o meio pelo qual há troca de saberes e “informações, compartilhar ideias, sentimentos, crenças” (MENDES E JUNQUEIRA, 1999; p. 37) e outras formas de interação, cuja função é relação entre dois ou mais seres.

Para Saussure (1907-1911), a comunicação é um conjunto de convenções com o objetivo de interação, e não necessariamente a língua, porém de inquestionável importância, é necessária para esta motivação. Para este objeto, Saussure explana em suas teorias os aspectos multiformes da linguagem.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita [...] ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social: não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 1906)

No século XXI é essencial saber comunicar-se, o aperfeiçoamento tecnológico, as novas formas de gêneros textuais, os hipertextos¹, as mudanças aceleradas na linguagem, visam um envolvimento da escola com a multiplicidade de saberes que devem ser apresentados aos alunos, pois, a escola tem o dever de apresentar propostas pedagógicas que visem o desenvolvimento cognitivo e cultivem novas pesquisas e a busca pelo saber.

¹ atualmente, é o texto disponibilizado pelas redes de computadores, composto por nós e conexões, que podem ser acessados aleatoriamente desde qualquer máquina (computador) e por qualquer usuário, em qualquer lugar do mundo e simultaneamente.

2.1 Linguagem

A linguagem é uma das qualidades humanas que se manifestam nas atividades para a compreensão da língua, ou seja, a maneira que o homem tem de se expressar através de sistemas que buscam interação. O estudo da linguagem é dividido em duas partes: uma, essencial, que tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo e outra, tem por concepção a parte individual da linguagem, a fala, a fonação e experiência de vida do indivíduo.

Ainda, sob a luz do autor, Saussure, vale ressaltar que a linguagem, por ampla fonte de formação, dificulta a sua delimitação em uma única ideia, para o autor a negação pode ser comprovada por três bases argumentativas, que nos encaminha para as teorias das variedades da linguagem:

- ✓ Multiforme - pois manifesta-se por meio de diferentes signos;
- ✓ Heteróclita - não possui regras definidas e está sendo recriada de acordo com as necessidades da realidade e da necessidade da continuidade da comunicação;
- ✓ Não pode ser estudada exclusivamente por uma única ciência, uma vez que pertence a diferentes domínios: “o físico, o fisiológico, o psíquico”, o que a torna incapaz de tornar-se objeto de estudo de uma única ciência.

Sendo, portanto, um fenômeno autônomo, que evolui conforme a necessidade comunicativa dos indivíduos, que exclui a singularidade do estudo, porque não pode ser analisada somente por uma via determinante, pois abrange diversos aspectos construtores dos contextos sociais.

Para Luiz Carlos Cagliari (2008, p. 81), quando as línguas se “transformam com o passar do tempo, não se degeneram, não se tornam imperfeitas, estragadas, mas adquirem novos valores sociolinguísticos, ligados às novas perspectivas da

sociedade, que também muda”. Para a linguística, a questão da mudança é natural e não é vista como certo e errado, apenas como diferente, os conceitos de certo e errado são dados pela sociedade que marca o indivíduo nas posições de estigma ou de prestígio, de acordo com a variante que utiliza. A linguagem pode ser verbal (oral ou escrita) ou não verbal, que se utiliza de diversos recursos, porém sem o envolvimento da palavra, então, como exemplificação, a produção textual é um agente de diálogo entre interlocutor e receptor, estes selecionam escolhas linguísticas, que atribuem significado ao texto, esperando assim a interação.

Costumeiramente, usamos a combinação destas linguagens, porque ambas são complementares, estabelecendo contextualmente, sua função e a da linguagem padrão ou não padrão.

Vale a pena ressaltar, que não existe uma linguagem correta ou incorreta. O emissor estabelece um processo comunicativo, cuja intenção e função, deve estar acima dos preconceitos, se a interação acontece, efetivamente ocorre a comunicação.

Conforme, Bakhtin (2010, p. 94):

Todo sistema de normas sociais encontra-se numa posição análoga; somente existe relacionado à consciência subjetiva dos indivíduos que participam da coletividade regida por essas normas. São assim os sistemas de normas morais, jurídicas, estéticas (tais normas realmente existem), etc. Certamente, essas normas variam.

2.2 Variação Linguística

Pela enormidade do Brasil, torna-se contraditório acreditar que todos os indivíduos utilizam a mesma linguagem, ou seja, dada a diversidade da população e diversas esferas de comunicação, a interação social permeia a construção de novos processos linguísticos. Porém, toda esta movimentação da linguagem, promove não somente novas formas comunicativas, mas também as variações da linguagem, e o

preconceito linguístico em relação aos diversos meios de criar os enunciados nas mais diversas situações sociais.

Compreende-se por variação linguística as diversidades de construção de sentido, que sofrem os termos em relação ao comportamento de interação social dos enunciados. Como parâmetro morfossintático a estruturação da variação linguística vem ao encontro da fundamentação das estruturas da língua: as Gramática Normativa, Internalizada e Descritiva.

Para tratarmos da significação do termo Variação Linguística observaremos a relevância da Linguagem no processo de desenvolvimento da Língua. Para Marcos Bagno, “para tratarmos da língua, tratar iremos de um tema político”, ou seja, para que ocorra um estudo da língua, para que exista uma língua, se faz necessário que haja falantes.

Com isso, estabelece-se a evolução contínua e modificadora das expressões e fundamentações das variantes linguísticas, causa esta que configura em uma minimização da padronização normativa da estrutura da língua.

Em seu livro “Preconceito Linguístico – o que é, como se faz” (BAGNO - 2015), o autor disserta sobre as Variações Linguísticas e a trajetória da evolução da Língua Portuguesa. Já que ensinar Gramática Normativa na escola, não configura na utilização desta norma nas mensagens cotidianas. *Ou seja*, o ensino da Língua Portuguesa passa por momentos de dificuldade. Acredita-se que a Gramática Normativa é o fundamento do ensino sobre língua na escola. Porém, sabe-se que a aplicabilidade é reservada a uma minoria da população, ou seja, o analfabetismo e as pessoas alfabéticas funcionais são o problema para a defasagem e desconstrução do ideal leitor-escritor. *Assim*, contamos com o problema da língua escrita, não corresponder com a língua falada, acarretando, por consequência maior diferenciação dos termos, que acarreta nas variações linguísticas - os fenômenos de mudança pelo qual sofre a língua, referentes às características sociais, culturais, regionais e históricas.

As variações da linguagem, oral e escrita, são classificadas em:

Diacrônica – é a variação da linguagem que é percebida com o tempo, ou seja, as palavras ditas pelos antepassados, avós, cartas históricas, poemas do século XVIII são exemplos de variação histórica, pois algumas destas palavras sofreram mudanças e tornaram-se obsoletas.

Diatópica – é percebida pela mudança geográfica, ou seja, uma palavra pode estabelecer um conceito em determinada região e em outro ter um significado completamente diferente, nomear mais itens.

Diastrática – é a variação na linguagem de determinados grupos sociais e/ou culturais, são termos que se avaliados pela Gramática Normativa são considerados incorretos e vistos de forma preconceituosa e taxativa.

Diafásica – Esta variação se percebe de acordo com o contexto em que está inserida, ou seja, esta variante estabelece o equilíbrio entre as gramáticas normativa e internalizada, pois está relacionada à formação do enunciado dependente da situação social ao qual será aplicado, tornando assim a estruturação da mensagem preocupada com o contexto situacional.

Ressaltamos, (BAGNO, 2015), que o rebate os conceitos preconceituosos em relação às variantes da linguagem. Pode-se dizer, que a linguagem de prestígio aponta as variações da linguagem, estabelecendo a hegemonia da norma culta. Porém, torna-se necessário um posicionamento da escola em criar meios para educar de forma a eliminar preconceitos e, conforme autor, “de redizer algumas coisas óbvias sobre o funcionamento real da linguagem na vida real dos falantes, insinuando que esse uso real é o que deve ser priorizado na sala de aula” (POSSENTI, 1996; p. 10)

Em consonância com as teorias sobre linguagem e variações linguísticas, o objeto deste estudo se justifica pelos enunciados produzidos pelos estudantes e por suas oralidades elouquentes durante o período de estudo. Em sua totalidade serão

relatados alguns aspectos da variedade da linguagem, tão presente na sala de aula da EJA, e com isso, espera-se, sensivelmente, que seja observadas as riquezas culturais, bem como as dúvidas e inseguranças deste grupo, tão seletivo no quesito vontade de mudança, como em diversidade, estabelecida pelo seu tempo de vida, história e sonhos.

Paulo Freire (1968),

Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.

2.3 Competência Escritora e Leitora na EJA

Entende-se que a escola deva ser um espaço de interação verbal entre sujeitos, ou seja, como espaço de efetivo de diálogo, sendo que a interação deva estabelecer a evolução socioeducativa, bem como formar ideais de formação de conceitos que possam ser aplicados cotidianamente.

Com abordagem das práticas pedagógicas, espera-se por meio do ensino da leitura e da escrita criar possibilidades cognitivas que promovam o educando a um ser capaz de construir novos saberes, participar por meio da interação discursiva com questionamentos culturais, sociais e políticos. O leitor deve ser competente, ativo na construção dos sentidos, negociador dos significados, rompendo barreiras léxicas, ultrapassando barreiras, compreendendo que a competência leitora e escritora são os capacitadores de novas aprendizagens, pois somente assim, terá visão do contexto, de forma significativa, com capacitação e compreensão do potencial dos enunciados, com reflexão e crítica, ou de acordo com Paulo Freire (2009) a “palavramundo”, a palavra referenciada num contexto sociocultural concreto.

Uma é que todo mundo – rico, pobre, preto, branco, homem, mulher – encontre ali seu lugar para aprender. Outra é que a escola tem que ajudar o estudante a perceber o mundo em que está vivendo e a ela mesma. O terceiro ponto é que a escola não é uma instituição que trata com alunos, mas trata com sujeitos, que têm biografia, identidade e que estão se preparando para viver o mundo hoje – e não o mundo amanhã.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146)

De acordo com o documento oficial da OCDE / PISA, a competência leitora é: “A capacidade leitora consiste na compreensão, o emprego e a reflexão pessoal a partir de textos escritos com o fim de alcançar metas próprias, desenvolver o conhecimento e o potencial pessoal e de participar na sociedade”. Com isso, espera-se que a produção de texto esteja vinculada às novas experiências de aprendizagem, mas não desfazendo dos saberes prévios. Acredita-se que ao ler e escrever os estudantes rompem barreiras que os impedem de, com cumplicidade, participar de limites, para eles, intransponíveis, independentemente da construção do texto, se por meio da linguagem de prestígio ou não.

Portanto, as competências leitora e escritora são requisitos primeiros para a maturação cognitiva e de inserção dos indivíduos nas diversas áreas do saber, que são organizadas por meio de estratégias de leitura, cujas ações mentais potencializam a compreensão dos enunciados.

O leitor competente utiliza desses mecanismos de aprendizagem recorrentemente, embora, às vezes, de maneira intuitiva e inconsciente, simples, como estratégias de leitura, com reflexões simples e que concretizam o entendimento. Alguns exemplos de ações deste tipo são apontados no texto de SILVA (2004, p. 32):

[...] Realizar com os alunos uma reflexão semelhante a essa, sobre a própria leitura, pode ser de enorme valia para eles. Ao trabalhar um texto qualquer com a classe, podemos interromper a leitura e perguntar à turma: Qual o título do texto que estão lendo? O que imaginaram que seria o assunto a ser tratado, quando o leram? Por que levantaram tais hipóteses? A leitura até esse ponto tem confirmado suas hipóteses iniciais ou não? Quais as palavras-chave até esse ponto da leitura? Compreendem perfeitamente o sentido delas? Que marcadores foram usados de modo a orientar a leitura (como subtítulos, negrito, itálico, etc.)?

Deve-se orientar o educando a reflexão e consciência das competências leitora e escritora, para torná-lo assim, um ser habilidoso e seguros destas práticas, fazendo-os internalizar uma visão diferente dos atos de ler e escrever, dando segurança, estabelecendo assim um comportamento modificado, e, por consequência interessado em novos saberes e em seu desenvolvimento.

Assim, a escola deve empenhar-se em proporcionar aos estudantes inúmeras possibilidades de aprendizagem das diversas funções que a linguagem promove, não deve em hipótese alguma, rotular o jovem ou adulto em função das marcas de sua oralidade (PCN's, 2002, p. 12).

2.3.1 Produção de texto na EJA

De acordo com a Resolução nº 48 de 2 de outubro de 2012, fica acertado um programa de apoio ao atendimento à EJA – PEJA. Este programa tem por objeto aumentar o número de matrículas e custear manutenção destas novas turmas. Entre estas atividades de custeio estão as impressões de livros, tanto para o educando, como para o professor.

O PNDL – EJA, considerando neste documento somente o componente curricular de Língua Portuguesa, tem por base a concentração de atividades de aperfeiçoamento da produção de textos e fundamentação sobre os gêneros textuais.

O livro didático, citado nesta subseção, é o Caminhar e Transformar, de Priscila Ramos de Azevedo Ferreira, da Editora FTD (2014). Em concordância com os objetivos da EJA, o conteúdo didático desta edição, busca uma metodologia que aborde conceitos equivalentes ao desenvolvimento acadêmico, bem como ao desenvolvimento crítico e social. Com isso, é assegurado ao educando maior contato com os gêneros textuais, e com este contexto, busca a competência e a habilidade escritora.

Com este novo direcionamento, os discentes da EJA poderão ler e escrever textos que possuam relevância em seu contexto sociolinguístico, haverá, portanto, maior interação com a produção, e por consequência uma equivalência entre prática e aprendizagem. “O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sociais (ANTUNES, 2003, p. 46).”

2.4.2 Variação linguística no EJA

O estudo das variações linguísticas tem ocupado lugar de destaque nos estudos sobre a língua, com isso, se espera um tratamento justo às variantes comunicativas na sala de aula, já que estas são tratadas como a língua em seu estado real e não meramente como erros de linguagem.

O educando do EJA tem por característica a diversidade cultural, étnica e social, além desta multiplicidade de fatores, ainda se conta com a possibilidade de serem silábicos com baixo valor sonoro, e pouco capacitados para abraçar os novos saberes que a escola apresenta.

Conjecturando sobre essas possibilidades, a escola pensa na melhor forma de incluir esse educando, lhe propiciando novas formas de identificar-se no processo de construção dos enunciados, PCN's (2002, p. 06), procuram objetivar o ensino da língua, considerando as variações linguísticas como objeto de uma formação escritora e leitora adequada à interação ao mundo social e do trabalho.

Porém, é necessário que a escola, o educador, reflitam sobre sua prática, para criar condições que permeiam a riqueza cultural do grupo discente, que chega à escola com uma linguagem internalizada e com suposições sobre a dificuldade de se aprender o certo. Faz-se necessário também, que o processo educativo, contorne as barreiras do desenvolvimento cognitivo e torne a aprendizagem efetiva, porque durante o processo destas atividades, os objetivos de garantir uma aprendizagem

significativa, podem ser desviados e tornar as aulas voltadas somente ao ensino da gramática normativa.

Para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma certa de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha tido em um dado momento histórico. (BRASIL, 1997, p. 21)

Assim, o processo escritor e leitor destes educandos alcançará a adequação de acordo com a função social a que se destina, permitindo assim, que aluno se relacione na concepção de escrita e leitura propostas pela escola, e para a sociedade.

3. METODOLOGIA

A Constituição Federal de 1998 – artigo 220, fixa a necessidade que sejam fixados conteúdos obrigatórios mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos nacionais e regionais. Em consonância a LDB em seu artigo 26, pela Lei 12.796/2013.

Assim, como garantia de compromisso ético e de cumprimento das ações democráticas e inclusão ao mundo, faz-se necessário novas organizações e estruturas dentro do ambiente escolar para equalização e qualificação dos educandos pertencentes ao quadro da EJA, “contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio.”(MEC – 2008), Foi, portanto, organizada colhimento de informações para desenvolvimento de estudo deste trabalho, propostas didáticas estas, que sejam pertinentes ao desenvolvimento escrito dos educandos e educandas da EJA.

Esta pesquisa tem por base, o estudo e a observação do comportamento dos estudantes diante da apresentação das variantes da linguagem. Para cumprir este relato, foram necessárias abordagens diferenciadas, que tinham como objeto incentivar o diálogo em sala de aula, tornar a oralidade e a textualidade livre da arbitrariedade, fazê-los confortáveis em situações de “porque acho que falo errado” (grifo meu), bem como na capacidade de sentir-se adequado para o ambiente escolar e consciente das mudanças que a escola poderá provocar na história de vida de cada um.

De acordo com (GIL, 2008), organizou-se uma pesquisa explicativa, ou seja, relacionar, identificar e interpretar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. É o tipo que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.

Desta forma, foi elaborada uma proposta de sequência didática (não como tema de discussão deste estudo) aplicada em dois grupos de qualidade eclética, com saberes e interesses diferenciados. A SD foi dividida em 03 (três) segmentos, que foram explicados, a seguir, como contextualização das ideias para registro.

Sendo, respectivamente:

CRONOGRAMA DE SEQUÊNCIA DAS ATIVIDADES DE COLHIMENTO DE INFORMAÇÕES	
Item	Descrição
1º	Leitura e discussão de textos com elementos que permeiam as atividades cotidianas dos educandos da EJA
2º	Explanação sobre Variações Linguísticas e o emprego da linguagem de prestígio na escola
3º	Discussão sobre o processo de aprendizagem da linguagem de prestígio, como foco a alternativa – das questões relacionadas no formulário de pesquisa
4º	Leitura de A Moça Tecelã, de Marina Colassanti. Discussão e interpretação.
5º	Sondagem sobre as atividades propostas nos itens anteriores
6º	Produção de texto – artigo de opinião Texto referência: A Moça Tecelã (abordagem sobre o empoderamento feminino em sua própria história)
7º	Atividade de aperfeiçoamento cognitivo sobre variações da linguagem
8º	Autocorreção da atividade do item 6º e análise
9º	Apresentação da pesquisa e o formato de aplicação
10º	Aplicação da pesquisa

TABELA 1 - Cronograma

Durante as explanações, foram discutidas as formas de falar de cada um, falou-se sobre as variações linguísticas e muita ênfase no objetivo de se aprender Língua Portuguesa na escola e compreender que as diferenças não são erros, e por consequência, devemos anular o preconceito sobre o certo e o errado.

Os enunciados foram observados sob várias facetas do entendimento dos educandos com relação aos textos e suas construções, inclusive, clareando a compreensão dos determinantes sociais e funcionais de cada texto.

Já que a escola sempre trabalhou com as clássicas tipologias textuais: narração, descrição e dissertação ou com o estudo de gêneros literários, que podem ser exemplificados por contos ou crônicas, a intenção consistiu em fazer com que a aprendizagem dos gêneros que circulam fora da escola - os literários, jornalísticos ou mesmo os gêneros cotidianos – fosse observada de forma mais significativa para o aluno e que contribuísse para um domínio efetivo de língua, possibilitando seu uso adequado fora do espaço escolar.

Para tanto, foram apresentados textos que permeiam o cotidiano dos Jovens e Adultos. Observou-se o interesse anteriormente, coletando informações por meio de uma conversa convencional das dificuldades de escrita e entendimento dos textos. Nesta fase, os educandos não tinham conhecimento aprofundado das divisões estéticas, de conceito (função) e atividade social dos enunciados, bem como, das dificuldades de se falar das variações linguísticas na sala de aula, além que seriam necessárias sondagens sobre norma de prestígio para identificar a defasagem à EJA.

Não obstante tivemos a preocupação em apresentar aos alunos as variações da linguagem, bem como elucidar, que o comportamento linguístico de um grupo faz parte de uma ciência, (BAGNO, 2015), e por meio de discussão e mediação em sala dos processos de aprendizagem da linguagem.

Os grupos discutiram a questão 1 (apresentada adiante nesta mesma seção) da sondagem, e partir desta contribuição, foram apresentadas as variações e as situações que devem-se utilizar determinado jeito de falar.

Ainda em construção e desenvolvimento dos passos para conclusão da pesquisa, citaremos uma das atividades, que com intenção de ampliar os horizontes em relação à leitura, em uma das aulas foi apresentado o conto A Moça Tecelã, de Marina Colassanti².

Explanadas as características destes enunciados, sua proposta como tipologia textual e posteriormente a análise de discurso, foi ressaltada durante as discussões que mesmo, sendo um conto, a estrutura do texto prima pela gramática normativa e a linguagem opaca, pois para a autora, a adequação da linguagem à situação de leitura se fez necessária a estrutura literária.

Nesta perspectiva organizou-se, por conseguinte, a mudança de horizonte dos educandos pelo texto, ocorreu, portanto, uma nova perspectiva de leitura/compreensão, com ressalva à utilização da linguagem de prestígio.

Já em uma nova outra etapa, foi apresentado um artigo de opinião, cuja proposta temática seria sintonizá-los, os educandos, na proposta temática da Ideologia Feminista, para que por meio desta estrutura, os alunos obtivessem repertório, bem como capacitação dos gêneros e dos saberes para produção de um texto dissertativo-argumentativo

Foram necessárias 12 aulas para construção desta estrutura coletora das informações, cujo trabalho tornou-se gratificante e representativo.

²COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In: _____. Doze reis e a moça no labirinto do vento. 11 ed. São Paulo: Global. 2000.

A sondagem e a produção de texto solicitavam aos estudantes que refletissem sobre os aspectos da linguagem. Após o trabalho de apresentação e reflexão sobre os textos e suas formas de escrita, ressalva para que sempre ocorreu a ênfase dos aspectos propostos pela variação e preconceito linguístico, em folha com numeração, linhas e identificação, foram aplicadas de forma comentada, com uma conversa espontânea e somente determinados trechos para consulta (*em itálico na descrição das questões a seguir*), foram colocados na lousa. Toda a atividade se desenrolou de forma cooperativa e comentada, tornando o processo divertido e despretensioso, todos puderam discutir, questionar sobre significados ou mesmo comentar sobre o que responder, e finalmente deveriam de forma dissertativa colocar a resposta no formulário.

As questões respectivamente foram as seguintes:

- 1) Conversam dois amigos sobre sair no final de semana, o diálogo foi este:
A - E ae, vamo umas sete? Porque mais cedo complica...
B - Terei que avaliar, já que tenho grupo de estudo aos sábados até às 16h.

Qual dos amigos sabe português?

- 2) Você recebeu no aplicativo do celular a seguinte mensagem:
I coração(imagem) você!
 O que ela quis lhe dizer?

- 3) Leia:

*Fizemo a última viagem
 Foi lá pro sertão de Goiais.
 Foi eu e o Chico Mineiro
 também foi o capataz.*

O compositor da música, na sua opinião, falava como um caipira ou ele “quis” de forma sensível nos apresentar o modo como falam em outras regiões?

- 4) A frase a seguir possui duas transgressões ortográficas, qual são?
Nesta sala a diversas pessoas, que faram parte da nossa vida, neste semestre.
- 5) *Você sabe o que é norma culta? Em que texto você acha essencial o domínio da linguagem de prestígio?*
- 6) *Escreva de forma breve o que você deseja aprender na escola.*

Todas as questões durante a apresentação foram comentadas, esclarecendo dúvidas sobre os significados ou refazendo conceitos já dominados.

Todos responderam as questões, forma respondidas de forma dissertativa, não havia gabarito, assim era necessário que elaborassem um pequeno texto.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na proposta da atividade, os alunos demonstraram incerteza sobre o que fariam, questionaram sobre como seriam colocadas as questões, se haveria repetição das perguntas caso não houvesse compreensão, se poderiam tirar dúvidas, e principalmente, inúmeras interjeições em relação a insegurança de responder de forma dissertativa algumas questões.

Foi esclarecido que seria um trabalho livre de arbitrariedade, que seria necessário que as respostas fluíssem com espontaneidade e absoluta sinceridade, porque as respostas seriam para fins de conhecimento, estreitamento de relação entre educador e alunos, por consequência, para melhoria da qualidade de aprendizagem de cada um.

Daí, deu-se a coleta de informações, que fomentam a base deste estudo.

Durante as discussões na conclusão do questionário, os estudantes tiveram mais comentários com relação a questão 1, sobre o que é saber português. Diversos argumentaram que saber falar direito é sinônimo de saber português, outros defenderam que isso é saber gramática. Mas ao final, uma parcela significativa dos estudantes respondeu que somente o segundo sabia português. Entre as respostas obtivemos, o seguinte:

“O primeiro não sabe nada, fala errado e parece que não foi na escola.”

Com relação as outras questões as respostas estabeleceram um critério:

Para a questão 2 a maioria entendeu a mensagem, relataram em suas respostas que receber uma mensagem com aquele conteúdo, era receber uma mensagem de amor. Na questão 3, os alunos lembraram da aula sobre variações da linguagem e informaram que o texto “parecia o jeito de falar do povo da roça” (grifo meu), porém, em uma das respostas um dos estudantes comentou que “*falava como o povo da roça, que não sabia falar direito*”.

Para questão 4, em um grupo de 78 alunos, 06 identificaram a transgressão ortográfica, e inúmeros outros termos foram apresentados, porém somente esta pequena parcela apontou o problema com “há” e a conjugação do verbo farão na produção escrita.

A questão 5, quase unanimidade, foi respondida que a norma culta é direcionada aos textos da escola, redação de emprego e resposta de prova. Estabelecendo, portanto, que os estudantes conseguem identificar a variação linguística situacional.

E, por fim, a questão 6 apresenta um repertório de desejos e ansiedade por escrever bem, falar direito, conjugar verbo, aprender a escrever bem e fazer uma redação direito.

Durante a análise dos dados observamos nos alunos a própria insatisfação com a defasagem de conhecimento da linguagem de prestígio, que eles reconhecem em si. Infelizmente, a clareza para a deficiência dos processos normativos da linguagem os tornam sensíveis aos processo de aprendizagem da língua, porém, este quadro tornar-se-á providencial para o interesse nas aulas, pois observa-se que entre a conscientização de pouco repertório da gramática normativa e a necessidade de escrever bem, está o desejo incontido de modificar essa situação, para a partir disto, conseguir criar, escrever e articular com segurança sobre os fatos, e com isso, modificar a própria história, ou que não ocorra mudanças com estas significância, porém que os tornem mais conscientes de seus próprios saberes, onde aplica-los e o porquê das coisas. Fazendo possível o reconhecimento das atividades de produção de texto direcionadas à vida acadêmica e profissional do educando, ressaltando que foi ser considerando o contexto da própria vida, esta, como eixo de desenvolvimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Portuguesa vem sofrendo grandes transformações, que reorganizam os interlocutores e receptores em grupos de distinta observação semântica. Porém, tornar-se-á necessária a intervenção competente dos educadores para re-direcionar os alunos na habilidade de leitura e escrita, para que desta forma, estes seres em construção compreendam, reflitam e observem os aspectos das variedades linguísticas, e a partir daí, possam verdadeiramente ler, interagir, interpretar, criticar e crescer profissional, social, cultural e politicamente.

Estabelecer significação dos conteúdos nas Sequências Didáticas, criando meios para que haja conforto destes estudantes em conseguir se expressar e escrever, independentemente de suas origens ou contexto social.

Todo ato inclusivo será providencial para despertar a alegria de aprender com as diferentes gramáticas, pois, estes estudantes terão consciência de seus saberes e compreenderão que as variações da linguagem presentes nos textos, em sala, na fala dos colegas na própria fala são características de enriquecimento cultural, que providencialmente são parâmetros para novas formas de aprendizagem, são, ainda, características que devem ser consideradas como saberes prévios que complementaram saberes novos e com isso as variações linguísticas e suas produções serão parte da construção de vida deste discente, para que a partir disto o aluno possa aprofundar o estudo sobre o próprio cotidiano, organizando os saberes de forma a elencar as informações, ideias e propostas, criando novos significados, que é crucial para a formação de seres capazes de elaborar seus enunciados, refletindo sobre sua função e sobre o objeto sociodiscursivo.

Por conseguinte, é de responsabilidade da escola e de seus componentes criar meios e possibilidades que dissipem os preconceitos e as incertezas que tanto prejudicam nossos alunos na produção de um futuro promissor e realizador.

A escola é reparadora, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano, a relevância para o desenvolvimento da vida acadêmica e profissional do educando, ressaltando o que deve ser considerado no contexto da própria vida, esta, como eixo de desenvolvimento.

Como educadores devemos compreender que os educandos necessitam de interação com o mundo e de uma proposta honesta de melhoria da aprendizagem, devemos ensiná-los a ler o mundo e construir seu caminho para os saberes.

Cabe, ainda, ao educador apresentar estes caminhos, os direcionando rumo ao conhecimento. Por isso, esta pesquisa se propôs a relatar situações que configurem a conscientização das variações linguísticas na sala de aula, ou seja, projetos de trabalho que garantam que os educandos da EJA, sintam-se representados no ensino da língua, estabelecendo diretrizes e relações de aprendizagem que façam sentido, tanto na produção de textos, como no processo de leitura ou na fala, mas que tornem estas sequências participantes de seu cotidiano e em concomitância com sua história de vida. (AUSUBEL, 2002)

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irandé Costa Moraes. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo: Editora Parábola 2003

AUSUBEL, D. Aquisição e retenção de conhecimentos: Uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Editora Plátano 2002

BAGNO, M. Preconceito Linguístico, 52ª edição. São Paulo: Editora Parábola 2015

BAKHTIN, M. Questões de estilística no ensino da língua. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. São Paulo: Editora 34, 2013

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PCN's, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Língua Portuguesa. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998/2002

LERNER, D. Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Editora Artmed. 2002

LEITURAS COMPLEMENTARES

BNCC, 2018

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf . Acesso em 16 jan. 2012. BRASIL.

FAUSTO, 1997; RANIERI, 2011; SAMPAIO; FREDERICO, 2009), Gêneros e Análises do Discurso

PNE, 2014

SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. (1916) - Tradução de Antônio Chelini et al. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

SILVA, E. T. O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA E BRAIT, Maria Cecília Souza-e-Silva e Beth Brait - Da necessidade de distinção entre texto e discurso; ps.145-164

VASCONCELOS, P. A. C. Baudrillard: do texto ao pretexto. São Paulo: Alexa Cultural, 2004

VASCONCELLOS, C. S. Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola. 2007. Disponível em: <http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/indi.pdf>. Acesso em 11 jun. 2007.

Lei 9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 11 mar. 2012.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol2a.pdf>